

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**  
**Disciplina: Sociologia Econômica**  
**Docente: Renê Birochi**  
**Discente: Gabriella Quevedo**

### **Relatório final sobre o Desenvolvimento da Disciplina de Sociologia Econômica (2018/2)**

O presente relatório apresenta uma visão geral de minhas percepções/compreensões acerca do desenvolvimento da disciplina de sociologia econômica ofertada no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGA-UFSC) no período 2018/2. O qual contempla em sua estrutura os seguintes pontos: síntese dos textos abordados, objetivos atingidos na disciplina, principais questões levantadas nos debates e contribuições da disciplina para o trabalho individual de pesquisa na dissertação.

Sobre o conteúdo abordado, de antemão verifica-se a necessidade de comentar que ao longo da disciplina, tivemos de fazer escolhas sobre quais temas e seus respectivos textos seriam estudados do conteúdo programático. Em razão de ter havido encontros que o Professor Renê esteve em congressos; por termos a oportunidade de participar do VII Encontro de Rede de Estudos Rurais (sugestão dada pelo professor); e, por dois encontros que tivemos a contribuição dos doutorandos, onde os mesmos discursaram sobre seus trabalhos que possuíam relação com a sociologia econômica para conosco. Desta forma, a seguir comento minhas assimilações no que tange os temas analisados no decurso da disciplina.

Sobre o primeiro tema escolhido: **Tema 1**, foram escolhidos dois textos Marques (2003) e Steiner (2006), ambos os textos vem a ser complementares para a introdução e embasamento do que se trata a Nova Sociologia Econômica (NSE). Marques (2003) como primeiro texto por sua vez, nos revela que a NSE surge do descontentamento generalizado à vista da deficiência da análise da sociologia econômica no que tange os fenômenos econômicos. Além disso, trata de introduzir os principais conceitos, o âmbito da sociologia econômica e ainda os autores, dando um enfoque em Granovetter, o qual é considerado a maior figura que representa a literatura da NSE.

O livro de Steiner (2006), por seu turno, segue o prisma da complexidade das abordagens econômicas convencionais para esclarecer os fenômenos que o compreendem de modo satisfatório. Além de oferecer as origens da sociologia econômica que se encontram nas

obras de Durkheim, Weber e Pareto, o autor discorre sobre os emergentes assuntos da NSE \_construção social do mercado, o papel das instituições e das redes sociais no funcionamento da vida econômica\_ sob a configuração da ótica de Granovetter de que “(a) a ação econômica é socialmente situada e não pode ser explicada apenas por motivos individuais; (b) as instituições econômicas são socialmente construídas” (STEINER, 2006, p. 10).

Logo após a introdução à NSE, foram discutidos os textos que constituíram o **Tema 2**, os quais concederam uma ênfase na contribuição de Granovetter, dispondo de um texto original do autor de 2007, seguido dos textos de Raud-Mattedi (2005), Nee e Ingram (1998) e Collet (2003). Em seu artigo, Granovetter (2007) analisa a imersão do comportamento econômico nas estruturas das relações sociais na modernidade industrial e afirma que esta imersão é mais desenvolvida em redes de relações interpessoais reguladas pelo mercado. Sustentando seu discurso de que os processos de mercado são passíveis de análise sociológica, fundamentado nos problemas “da confiança e da má-fé” em conjunto com os argumentos de “mercado e hierarquias”, com o objetivo de demonstrar a imersão sob um cenário de opostas compreensões e previsões das já vistas pelos economistas.

Na sequência, Raud-Mattedi (2005a) vem a ser um texto crítico sobre a abordagem estrutural de Granovetter, que resulta nos seguintes pareceres: o conceito *Embeddedness*<sup>1</sup> se concentra em uma lógica utilitarista; a análise de redes toma um extremo viés de individualismo metodológico; enfoque nas interações das relações somente observáveis (desconsiderando aspectos invisíveis); noção de imbricação exclusiva em relações interpessoais; a substituição do *homo oeconomicus* por um *homo sociologicus* atemporal; recai sobre uma vertente sobre-socializada das redes; o Estado visto como um ator desnecessário quando se fala em redes e fundamental quando se trata de organizar o mercado; e por último, a confiança pautada exclusivamente no ato das relações pessoais, ignorando as normas jurídicas e morais que regulamentam as relações econômicas.

Já os autores Nee e Ingram (1998) apontam um intervalo entre a NSE com as instituições e redes, e tomam isto como base para ilustrar potenciais soluções alicerçadas em um modelo (Teorema de Coase) para realizar esta ligação. Quanto ao texto do Collet (2003) é retomada a crítica sobre a dualidade da abordagem de Granovetter (vista já por Raud-Mattedi)

---

<sup>1</sup> “significa que os indivíduos não agem de maneira autônoma, mas que suas ações estão imbricadas em sistemas concretos, contínuos, de relações sociais, ou seja, em redes sociais: é a tese da imbricação social” (RAUD-MATTEDI, 2007, p. 63).

sobre na perspectiva de redes, que o “comportamento” do agente em uma ação econômica incide em razões mistas (instrumentais e não instrumentais).

Prosseguindo os temas, priorizou-se como sequência a discussão do **Tema 4** (a sociologia econômica dos clássicos). Inicialmente, foi pleiteado outro texto de Raud-Mattedi (2005b), o qual resgatou os pensamentos dos precursores Durkheim e Weber do estudo sociológico do mercado no âmbito da construção social e influenciadores no renascimento da NSE em 1970. Ambos os autores com reflexões ora semelhantes, ora distintas: “instituições *determinam* o comportamento dos indivíduos em Durkheim, elas o *orientam* em Weber” (RAUD-MATTEDI, 2005b, p. 130). Já a resenha sobre “A Grande Transformação” de Paulilo (1980) e o artigo de Vinha (2001) se complementam no trazer as principais contribuições de Karl Polanyi e sua relação com a NSE. Tendo em vista que buscam incorporar a economia e a sociologia baseadas em suas dimensões históricas e abarcar estudos empíricos, ministrando assim, premissas críticas e consistentes com a teoria neoclássica, o que faz se distinguir das demais vertentes teóricas.

O **Tema 5**, o qual discute sobre “Redes Sociais, Redes Sócio-Técnicas e Redes no Mundo Virtual”, foram dissertados os artigos de Granovetter (1973) e (1983) no que corresponde “*The Strength of Weak Ties*”. Em síntese, ambos os textos empregam os conceitos de laços fracos (relações estabelecidas entre conhecidos) e laços fortes (relações estabelecidas entre amigos) em redes, dando ênfase na priorização de estabelecer e manter laços fracos em redes sociais com o intuito de o indivíduo evoluir pessoalmente, cultural e profissional (esta última sob o olhar do mercado).

Promovendo a continuidade da discussão, o **Tema 7** aborda a “sociologia econômica dos mercados” trazendo os textos de Beckert (2007) e Fligstein e Dautier (2007). É significativo recordar que o artigo de Wilkinson (2002) por ser opcional a leitura não foi trazido ao debate em sala de aula. Em suma, o texto de Beckert (2007) comenta de modo conceitual a sociologia dos mercados, evidenciando o problema da ordem social dos mercados que abrange a necessidade de interação social para subsistir, podendo exercer apenas na existência de três adversidades inevitáveis de coordenação (valor, concorrência e cooperação) forem solucionados. Enquanto que o texto de Fligstein e Dautier (2007) realizam uma revisão acerca das raízes intelectuais que dividem o campo, esboçando o ponto de vista que as abordagens tradicionais (redes, instituições e performatividade) oferecem representações

incompletas da estruturação social destes mercados, e nos revelam duas abordagens pouco consideradas: a economia política e ecologia populacional.

O **Tema 8**, sob o prisma da cultura, tratamos de dois textos. O primeiro, de Zelizer (2003), o qual versa sobre “o significado social do dinheiro” onde discute a respeito dos processos econômicos de consumo e transações que organizam relações sociais especiais, como religião ou parentescos, por conseguinte o significado do dinheiro está em uma relação de interdependência com as estruturas destas relações e com os sistemas de definições no decurso da evolução da história. Ao passo que o segundo texto de Dimaggio (2003) coloca a análise cultural como influenciadora do comportamento econômico, à medida que indica a heterogeneidade de escolhas (enquanto que os economistas apresentam muitas vezes como uniformes) e para os locais onde a racionalidade econômica e os rituais sociais que estabelecem um centro de tensão indiscutível.

O **Tema 10** que retrata a economia comportamental e a física social, no qual foram discutidos os textos de Beckert (2017); Steiner (2017); e prólogo do livro e texto em revista do Schwartz, ambos de 2004. O artigo de Beckert (2017), por sua vez, trabalha a questão da ordem atemporal do capitalismo. O que isso quer dizer? O capitalismo legitima o arranjo da ação econômica onde os seus atores são coagidos a uma orientação de um futuro imprevisível e incerto, como resultado geram eventualidades tanto no nível micro (futuros imaginados que podem ou não ser materializados) quanto macro (produzem crescimentos ou crises esporádicos). Já o artigo de Steiner (2017) comenta sobre a dádiva organizacional, a qual consiste na solidariedade das pessoas para com outras por meio do papel de uma organização mediadora. Ou seja, o doador doa para uma organização, e esta organização se torna responsável pela doação para os donatários, fazendo com que o doador não tenha relação direta com seus donatários (dado a falta de interesse da parte destes doadores em estabelecer conexões).

E por fim, Schwartz (2004) exprime em seus textos “a tirania da escolha”, a qual se desenvolve no processo de tiranizar. Isto é, as escolhas são impostas a sociedade moderna em quase todas as áreas da vida. É nesse entender, que nós (indivíduos) estamos expostos a uma vasta complexidade em definir qual melhor escolha e ficar feliz com a realizada sem deixar afetar nossos psicológicos com as possíveis perdas ou erros destas escolhas. Aí surge a questão: “Qual a ligação destes quatro textos”? Pressuponho que os quatro colocam o indivíduo como “refém” do capitalismo, à proporção que estamos expostos a um cenário

repleto de incertezas, buscamos nos distanciar de modo crescente das relações sociais e ainda temos de conviver com o “peso” de nossas escolhas perante ao padrão imposto pela sociedade.

Feito a explanação dos temas abordados é preciso mencionar sobre os objetivos atingidos da disciplina. Acredita-se que a proposta de introduzir os principais debates a sociologia econômica foram apresentados, pois discutidos cerca de todos os temas e ainda gozamos da experiência de ter o contato com doutorandos da nossa área, os quais apresentaram seus trabalhos que possuíam relação com a sociologia econômica em nossas discussões. Uma sugestão para as próximas ofertas da disciplina: realizar um debate mais próximo do encerramento da mesma que esboce as vertentes da sociologia econômica com base nos artigos disponíveis do site “*Economic Sociology - European Website*”<sup>2</sup>, site que o professor disponibilizou durante aula e que acredito ser pertinente dialogar sobre o que está sendo argumentado no momento atual.

Em relação ao principais questões levantadas nos debates em sala, faço um breve levantamento em conformidade com minha assimilação, os quais avançaram: o movimento *slow food*, um dos assuntos mais tratados do início ao fim do semestre, e que particularmente considero ser um dos exemplos empíricos mais tangíveis, o qual possui uma direção em contradição com a teoria econômica, bem como, com o capitalismo; a importância das instituições, que está em vias de extinção no Brasil como resultado da perspectiva neoliberal, conforme discutimos em aula e pelo relato trazido de Marilena Chauí no vídeo<sup>3</sup> disponibilizado pelo professor; a análise das redes sociais; e, o consumo, o qual foi comentado a partir do Tema 8 sob a ótica do significado social do dinheiro.

No tocante da contribuição da disciplina para minha dissertação, acredito que o andamento da disciplina contribuiu particularmente em meu discernimento sobre não estabelecer uma pesquisa sem uma análise crítica, buscar não desdenhar demais temáticas que possam ter relação com a que estou buscando pesquisar, que se trata da internacionalização na pós-graduação. Atualmente, estou ponderando em realizar uma comparação de como se desenvolve a internacionalização de um programa de pós-graduação em uma universidade pública e uma privada, objetivando explorar quais são as orientações tomadas como estratégias nestes dois cenários. Entretanto, vale ressaltar que meu problema de pesquisa

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://econsoc.mpifg.de/index.asp>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Szym2kf1MYs>.

ainda não está definido e está sujeito a alterações, em virtude de estar procurando uma teoria para embasar meu pensamento crítico. Por último, considero que as contribuições da disciplina avançaram para mais de minha dissertação, posto que absorvi o contexto e foi factível a visualização da multidisciplinaridade da sociologia econômica.

## REFERÊNCIAS

Beckert, J. *The Social Order of Markets*, mime, 2007.

Beckert, J. Reimaginando a dinâmica capitalista - Expectativas ficcionais e o caráter aberto dos futuros econômicos. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 29, n. 1, pp. 165-189, 2017.

Collet, F. “*Economic Action and Social network Influences.*” A Discussion around Mark Granovetter’s Sociology of Economic Life, European Sociological Association Conference, 2003.

Dimaggio, P. Aspectos Culturais da Ação e da Organização Econômica. In: Peixoto, J.; Marques, R. (Org.). *A nova sociologia econômica: uma antologia*. Oeiras: Celta Editora, 2003, Cap. 4.

Fligstein, N. & Dautier, L. “The Sociology of Markets”, *The Annual Review of Sociology*, no 33, 2007 – Português.

Granovetter, M. “The Strength of Weak Ties” *American Journal of Sociology* 78, 1973.

Granovetter, M. “*The Strength of Weak Ties Revisited*”, 1983.

Granovetter, M. Ação Econômica e Estrutura Social: O Problema da Imersão. Fórum - Sociologia Econômica. *RAE-eletrônica*, v. 6, n. 1, Art. 9, jan./jun. 2007.

Marques, R. “Os Trilhos da Nova Sociologia Econômica” in *A Nova Sociologia Econômica*, Celta, 2003.

Nee, V. & Ingram, P. “Embeddedness and Beyond: Institutions, Exchange & Social Structure” in *The New Institutionalism in Sociology*, Stanford, 1998.

Raud-Mattedi, C.(a) “Análise Crítica da Sociologia Econômica de Mark Granovetter: os limites de uma leitura do mercado em termos de redes e imbricação” in *Política e Sociedade*, v. 6 pp 59-82, Florianópolis, 2005.

Raud-Mattedi, C.(b) “A Construção Social do Mercado em Durkheim e Weber “, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2005.

Polanyi, K. *A Grande Transformação*, Ed. Campus, 2000 – Resenha Marinês Paulilo.

Vinha, V. de, “Polanyi e a Nova Sociologia Econômica: uma Aplicação Contemporânea do Conceito do Enraizamento Social”, *Econômica v 3 n2 dez. 2001* (impresso em set. 2003).

Schwartz, B. *The Paradox of Choice: Why More is Less*. HarperCollins, 2004.

Schwartz, B. The Tyranny of Choice. *Scientific American*, 2004.

Steiner, P. A. *Sociologia Econômica*, Atlas, 2006.

Steiner, P. A dádiva organizacional - Dádiva à distância e circuitos de troca. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 29, n. 1, pp. 23-43, 2017.

Wilkinson, J. “Sociologia Econômica, a Teoria das Convenções e o Funcionamento dos Mercados”, *Ensaio FEE*, 2002.

Zelizer, V. A. O Significado Cultural do Dinheiro: “Dinheiros especiais”. In: Peixoto, J.; Marques, R. (Org.). *A nova sociologia econômica: uma antologia*. Oeiras: Celta Editora, 2003, Cap. 3.